

# humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME III



**COIMBRA**  
MCML - MCMLI

## Tiço Livio e Camões (1)

Depois dos bimilenários de Virgílio, de Horácio e do imperador Augusto, está a celebrar-se em Itália, e um pouco por toda a parte, tanto quanto uma romagem do espírito pode fazer caminho por vias dolorosas, o bimilenário do mais representativo historiador de Roma, Tito Lívio. Outro «ano áureo», dir-se-á, em meio de um século que não é de ouro... De qualquer modo, mais um pretexto salutar para a exaltação da latinidade e dos seus perpétuos valores. E ainda, porventura, dada a expressão imperial do *Ab Vrbe condita*, um pretexto para se figurar de novo a grandeza da Roma eterna, para mais uma vez se pedir aos deuses a protecção das Sete Colinas, para se repetir com ênfase nova o *Carmen saeculare*:

*Alme Sol', curru nitido diem qui  
promis et celas aliusque et idem  
nasceris, possis nihil urbe Roma  
u i sere maius. (2)*

(1) Refundição da conferência que o autor escreveu em 1942 para as comemorações do bimilenário de Tito Lívio, promovidas pelo Instituto di Studi Romani, e que foi lida numa sessão pública deste Instituto (18-111-1943), em versão italiana do Dr. Luigi Panarese, pelo Dr. José Gomes Branco, então leitor de Português na Universidade de Roma.

Com a redacção primitiva, este trabalho saiu nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras, t. iv, pp. 537-548, e dele se fez separata, datada de 1945. Ao refundi-lo para a *Humanitas*, intencionalmente lhe não suprimimos as considerações preliminares, atendendo ao fim para que foi escrito.

(2) *Carmen saeculare*, 9-12.

*O almo Sol', que em teu 'splendente carro  
O dia escondes ou descobres, sempre  
Diverso e sempre o mesmo, nada vejas  
Maior que Roma.*

Entre todas as formas de celebração liviana predominarão certamente as literárias ou eruditas. Não importa que se hajam escrito centenas de estudos ou dissertações sobre o historiador paduano. Muitas páginas voltarão a escrever-se, nesta hora bimilenária, acerca das suas fontes, da sua concepção da história, do seu método, da sua fidedignidade, e acerca de tudo aquilo que faz o valor artístico da sua produção: o génio narrativo, que lembrou a Quintiliano o de Heródoto (1); a eloquência, que nem só os discursos manifestam; a mestria no desenho dos retratos pessoais, mormente dos retratos dos grandes chefes militares, sugestivos mesmo quando apresentam majestade convencional; enfim, essa arte tão viva, tão animada, de relatar a matéria bélica, arte que, notou-o Laurand (2), nos pinta numa guerra não apenas as expedições, os estratagemas, as pelejas, mas toda a vibração e toda a ansiedade de um povo perante a luta, como foi na tão conhecida descrição da batalha do Metauro: uma operação do mais decidido arrojo contra as hostes de Asdrubal e uma nação inteira suspensa da audácia, até poder festejar a vitória, em delírio (3). Além disso, como sempre tem acontecido em comemorações idênticas, acompanhar-se-á Tito Lívio, até onde for possível, na sua longa trajectória pós-romana, quer dizer — estudar-se-á a influência que ele tenha exercido nas literaturas modernas e, com interesse não menor, o lugar por ele ocupado na tradição dos estudos latinos.

Sob estes últimos aspectus, muito poderia valer para Portugal o bimilenário que está decorrendo. Seria agora o momento de investigarmos, além dos reflexos de Tito Lívio em a nossa

(1) *Institutio oratoria*, x, 1, 101 : *At non historia cesserit Graecis. Nec opponere Thucydidi Sallustium uerear, nec indignetur sibi Herodotus aequari T. Liuium, cum in narrando mirae iucunditatis clarissimique candoris, tum in contionibus supra quam enarrari potest eloquentem...*

(2) *Pour mieux comprendre l'antiquité classique*, pp. 120-121 (em «Tite-Live peintre de guerre»).

(3) XXVII, 43-51. Uma das partes mais dramáticas da descrição, 47, § 1, a 49, § 4, teve ainda há pouco no Prof. Jean Bayet, que magistralmente a verteu em francês, autorizado divulgador : v. *Littérature latine — Histoire et pages choisies traduites et commentées*, pp. 361-364.

literatura — imitações, paráfrases, simples reminiscências—, o conhecimento que se tenha obtido dos seus textos ao longo de toda a história do nosso ensino clássico. E as investigações sobre o estudo regular do historiador não resultariam menos extensas que as indagações da sua influência literária, porque\* se escritores nossos só dispersamente o imitaram ou repetiram, fomos sempre nas escolas, pelos séculos adiante, pontualmente fiéis à sua leitura. Que o digam, entre outras, as edições dos livros xxi e xxu, as quais formam, só por si, uma tradição portuguesa de leitura liviana. Com tais edições não se terão aprendido, é certo, todas as virtudes literárias do grande narrador; mas ao menos se terão retido, em muitas memórias, essas inolvidáveis páginas mestras em que ele nos descreveu o retrato de Aníbal, a passagem dos Alpes pelos Cartagineses, o discurso de Cipião às tropas, ou as batalhas de Canas e do lago Trasimeno, esta última com tão vigorosas cores pintada, que nunca Roma viria a conhecer mais pungente representação de uma derrota.

Tudo isso daria matéria para longa dissertação, quando não desse volumes como os que Menéndez v Pelayo compôs sobre *Horacio en España*. Teríamos assim, com alguma amplitude\* um *Tito Lívio em Portugal*. O meu intuito, porém, é menos ambicioso, por todos os motivos, e especialmente porque não devo sair das proporções de uma comunicação académica : é tão-sòmente fazer um paralelo entre o historiador romano e o vulto mais universal da literatura portuguesa. Não podendo, neste momento, preitear a Tito Lívio de outro modo, celebro-o como, há anos, o eminente brasileiro Afrânio Peixoto celebrou Virgílio, — por intermédio de Camões (1).

(1) Em «Vergílio e Camões — {lomenagem Camoniana ao Bimilenário do Poeta Latino», comunicação enviada à Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa e lida em reunião dessa Classe, a 13 de Novembro de 1930, pelo Prof. Dr. José Maria Rodrigues. Publicada primeiramente no *Boletim* da referida Academia, nova série, vol. n, pp. 853-874, foi depois reproduzida a pp. 145-171 dos *Ensaíos Camonianos*.



Que deve o épico português ao imortal historiador de Roma? Tentarei assinalá-lo, começando por aí o paralelo.

Será pouco, talvez, o favor concedido às averiguações deste género, que por vezes terão sacrificado ao esmiuçamento da erudição do Poeta a íntima compreensão da sua personalidade de artista. Mas a verdade é que, quanto mais estudo *Os Lusíadas*, mais me convenço de que, para ler claro na arte de Camões, é preciso ler claro na sua cultura. E esta cultura — quem o não sabe? — está, antes de mais nada, na extraordinária lição por ele recebida dos clássicos latinos e gregos, saber vastíssimo que magistralmente nacionalizou, que tantas vezes genialmente remoçou e que, por isso mesmo, nunca poderá deixar de ser verdadeiro documento da sua personalidade.

A epopeia camoniana sofreu, sem sombra de dúvida, as influências dos historiadores antigos em geral. Neles, e não só nos poetas épicos, pôde Camões aprender teoricamente, para a verter nas suas descrições magníficas de combates e empresas guerreiras, uma boa parte da arte bélica, sem embargo de íer vindo a proclamar, no final do Poema, que

*A disciplina militar prestante  
Não se aprende ... na fantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando. (1)*

E de os ler com assiduidade, de ler sobretudo os historiadores romanos, acabou concebendo à antiga o tipo do grande capitão, ao qual importa ser não apenas forte, mas sábio — *et proelio strenuus et bonus consilio*, como escreveu Salústio (2) e Epi-

(1) x, 153, 5-8.

(2) Ao referir no *De bello Iugurthino*, 7, a parte que no cerco de Numância teve Jugurta, assim resume Salústio as qualidades militares do

fânio Dias oportunamente lembrou (i)—, entendendo-se aqui por sabedoria aquela clara e subtil prudência que se sublima em previsão genial:

*Tal há-de ser quem quer co dom de Marte  
Imitar os ilustres e igualá-los:  
Voar co pensamento a toda parte,  
Adivinhar pirigos e evitá-los,  
Com militar engenho e sutil arte  
Entender os imigos e enganá-los,  
Crer tudo, enfim, que nunca louvarei  
O capitão que diga : «Não cuidei.» (2)*

Por outro lado, os mesmos historiadores, em cujas narrativas Camões achava entremeadas inúmeras reflexões sobre o homem e a vida, terão ainda concorrido para lhe inspirar, juntamente com moralistas e poetas, a ideia primeira e global das digressões reflexivas ou sentenciosas que se encontram espar-

guerreiro nómida: *Ac sane, quod difficillimum in primis est, et proelio strenuus erat et bonus consilio: quorum alterum ex prouidentia timorem, alterum ex audacia temeritatem afferre plerumque solet.*

Curiosa a difusão literária do conceito de força e sabedoria, muitas vezes apenas expresso pelos adjectivos *fortis* e *sapiens*: tem sobretudo grande curso em relação aos chefes militares, mas também pode, por extensão, aplicar-se a outros homens. Cícero chama ao general Lúcio Luculo *fortissimus et sapientissimus uir* (*Pro Murena*, 9, 20) ; *fortes et sapientes uiri* são também modelos que o Orador se permite ver continuados na pessoa de Milão (*Pro Milone*, 35, 96); mas é ainda um varão da mesma estirpe, com vigor e sabedoria bem de molde a um autor de epopeia, que certos críticos literários se comprazem em ver no velho Énio, conforme Horácio virá a lembrar ao imperador Augusto (*Epistolas*, II, I, 50-51):

*Ennius, et sapiens et fortis et alter Homerus,  
ut critici dicunt.. .*

(1) Na sua ed. d' *Os Lusíadas*, t. 11, p. 214: comentário a x, 21, 5-8, a propósito das palavras *forte e sábio* com que termina a estância. Epifânio escreve, por lapso, *bello strenuus*, em vez de *proelio strenuus*.

(3) vin, 89.

sas pel'Os *Lusíadas*. Assim parece que devem entender-se os remates ou epílogos, a que o alemão Wilhelm Storck chamou ((histórico-filosóficos» (1), dos vários cantos do Poema: por muito que eles se inspirem — e não deixa de reconhecê-lo o mesmo Storck (2) — em larga e tantas vezes dolorosa experiência pessoal, com toda a probabilidade traduzirão, ao menos em parte, a longa, a multissecular experiência humana acumulada e comentada nas obras históricas antigas, de Xenofonte a Plutarco ou de Salústio a Vale'rio Máximo.

Mas, se nesses aspectos se descobre a influência genérica da historiografia clássica, a lição particular de vários historiadores está sobretudo patente em lembranças avulsas, como sejam a menção de ditos e feitos, a citação de varões ilustres ou a referência aos grandes «exempla» da tradição heróica. E serão precisamente desta natureza os reflexos de Tito Lívio na epopeia camoniana.

Entre outros lugares d'Os *Lusíadas*, há especialmente dois em que parece possível descobrir sinais da leitura do *Ab Vrbe condita* (3). Analisemc-los.

Um desses lugares é a estância 53.<sup>a</sup> do canto iv, onde se compara o rasgo do infante D. Fernando, que preferiu o sacrificio da sua liberdade à perda de Ceuta, com vários exemplos antigos de sacrificio pela pátria:

“  
*Codro, porque o ini?nigo não vencesse,*  
*Deixou antes vencer da morte a vida;*  
*Régulo, porque a pátria não perdesse,*  
*Quis mais a liberdade ver perdida.*  
*Este, porque se Espanha não temesse,*  
*A cativoiro et er no se convida.*  
*Codro nem Cúrcio, ouvido por espanto,*  
*Nem os Décios leais fizeram tanto.*

(1) *Vida e Obras de Luís de Camões*, 1.<sup>a</sup> parte, versão de D. G<sup>o</sup>rolina Michaelis de Vasconcelos, p. 226.

(2) *Ibid.*

(3) Cf. Carlos Eugénio Correia da Silva, *Ensaio sobre os Latinismos dos Lusíadas*, p. 15, onde se invoca Epifânio Dias.

Admite-se influência liviana no final da estância. Com efeito, se Camões tinha a história de Codro em Justino (1) ou em Cícero (2) e se igualmente em Cícero (3) achava contada a de Atílio Régulo — pormenores estes devidamente assinaiados por comentadores —, a história de Cúrcio, que se precipitou num abismo em holocausto a Roma, e a dos Décios leais, que ofereceram a vida em troca de vitórias para as armas romanas, era em passos de Lívio que podia encontrá-las mais sugestivamente narradas:

*Silentio facto, templa deorum immortalium, quae foro imminent, Capitoliumque intuentem, et manus nunc in caelum, nunc in patentes terrae hiatus ad deos Manes porrigentem, se deuouisse ; equoque deinde quam poterat maxime exornato insidentem, armatum se in specum immisisse, donaque ac fruges super eum a multitudine uirorum ac mulierum congestas... (4)*

*. . . armatus in equum insiliuit ac se in medios hostes immisit, conspectus ab utraque acie. Aliquanto augustior humano uisus, sicut caelo missus piaculum omnis deorum irae, qui pestem a suis auersam in hostes ferret... Euidētissimum id fuit, quod, quacumque equo inuectus est, ibi haud secus quam pesti-*

(1) *Historiae Philippicae*, 116 v.

(2) *Tusculanae disputationes*, I, 48.

(3) *De officiis*, 1, 3g.

(4) <sup>vii</sup>> 6.

*Feito silencio, [Cúrcio] olhou os templos dos deuses imortais, que ao Foro estão sobranceiros, e [bem assim] o Capitólio, estendeu as 7 mãos ora para o céu, ora para os boqueirões do solo que iam ter aos deuses Manes, e ofereceu-se [aos numes infernais]. Depois, montando no seu cavalo tão bem aparelhado quanto possível, lançou-se armado no abismo ; e uma turba de homens e mulheres amontoou por cima dele frutos e oferendas.*

*fero sidere icti pauebant ; ubi uero corrui obrutus  
telis, inde iam haud dubie consternatae cohortes  
Latinorum fugam ac uaslitatem late fecerunt. (1)*

*... ut nulla ui percultos sustinere poterat, patrem  
P. Decium nomine compellans: «Quid ultra moror»,  
inquit, \*familiarie fatum? Datum hoc nostro generi  
est, ut luendis periculis publicis piacula simus; iam  
ego ?necum hostium legiones mactandas Telluri ac  
dis Manibus dabo.» (2)*

E é crível que \*as mesmas histórias já Petrarca as houvesse  
aproveitado destas mesmas fontes, ao escrever no *Trionfo  
delia Fama* :

*L'un Decio e laltro, che col petto aperse  
Le schiere de' nemici : o fiero voto,  
Che I padre e I figlio ad una morte offersel*

(!) vin, g.

*... [Públio Décio] saltou ajamado para o cavalo e precipitou-se  
no meio dos inimigos, sob os olhares de ambos os exércitos.  
Pareceu [lentão] bem mais imponente que um [simples] homem,  
qual enviado do céu para expiar toda a cólera dos deuses, para  
afastar dos seus o flagelo e o lançar sobre os inimigos... Por  
onde quer que o cavalo o fe% passar — viu-se bem —, ficavam  
[os inimigos] aterrados, como se atingidos por astro funesto ; e  
precisamente onde baqueou, crivado<sup>r</sup> de dardos, foi onde as  
coortes latinas, logo espavoridas, deram início à fuga e a  
extensa devastação.*

(2) X, 28.

*... nenhuma força podendo dominá-los no meio do seu terror,  
[Públio Décio] invoca pelo nome seu pai Públio Décio e  
exclama: «Porque hei-de mais retardar o destino da família?  
Coube-nos em sorte, a esta nossa raça, o sermos meios de  
expição para afastar os perigos nacionais. Comigo próprio,  
vou já imolar à Terra e aos deuses Manes as legiões dos ini-  
migos.»*

*Curtió venia con lor, non men devoto,  
 Che di se e delV arme empie lo speco  
 III me\lo 7 Foro orribilmente voto. (1)*

O outro lugar em que Tito Lívio parece ter influído é a estância 21.<sup>a</sup> do canto x, em que Duarte Pacheco Pereira,

*O grão Pacheco, Aquiles Lusitano (2),*

prototipo da bravura portuguesa, aparece comparado com gregos e romanos cujo heroísmo a historia e a lenda sublimaram :

*Aquele que nos campos maratónios  
 O grão poder de Dáno estrui e rende,  
 Ou quem com quatro mil lacedemónios  
 O passo de Termopilas defende,  
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder tusco contende  
 Em defesa da ponte; ou Quinto Fábio,  
 Foi como este na guerra forte e sábio.*

E certo que de Milcíades, o que *estrui o grão poder de Dário*, e de Leónidas, o que *defende o passo de Termópilas*, celebraram as façanhas autores sem conto. Também de Quinto Fábio Máximo, o famoso Cunctator, referiram vários, e não só Tito Lívio, a biografia memorável (3). Do *mancebo*

(1) I,w. 67-72.

(2) x, 12, 4.

(3) No entanto, os retratos livianos de Quinto Fábio são dos mais nítidos e vigorosos que os historiadores antigos nos deixaram, e bem merecem nas lúcidas páginas que lhes consagrou Paola Zancan em seu *Tito Livio — Saggio storico*, pp. 114-121, a propósito de *magnitudo animi* e de *moderatio* em grandes capitães de Roma. De reter, em especial, esta conclusão: «... i più lodavano in Fabio la *magnitudo animi*, per la quale egli, «sapendo come la repubblica avesse bisogno di un capitano eccellente, riconoscendo senza alcun dubbio se stesso essere quello, tenne in minor conto l' invidia, se mai invidia per ciò fosse nata, che l'utile della repubblica» (24, 9, 11). La *moderatio* di Fabio, osservante dell' equa legge

*Cocles*, porém, de Horácio Codes, ninguém falou melhor que o nosso historiador, quando retrata o bravo moço a suster sòzinho, na Ponte Sublicia, a violenta irrupção das tropas etruscas :

. . . *pons sublicius iter paene hostibus dedit, ni unus uir fuisset, Horatius Cocles; id munimentum illo die fortuna urbis Romanae habuit. ... Vadit ... in primum aditum pontis, insignisque inter conspecta cedentium pugnae terga, obuersis comminus ad ineundum proelium armis, ipso miraculo audaciae obstupescit hostes.* (1)

E é de supor que também Petrarca, no citado *Tr i onfo della Fama*, o tivesse presente :

. . . *quel che solo  
Contra tutta Toscana terme un ponte.* (2)

Mas terão realmente aqueles dois lugares camonianos, os que mais sugerem analogia entre Tito Livio e Camões, fontes livianas indiscutíveis? Pode objectar-se que vários modernos contavam ao Poeta o mesmo que um antigo: Dante falara dos Décios, Juan de Mena dos Décios e de Codro... E pode até,

e della libertà che al popolo compete, diventa *magnitudo animi*, quando per l'utilità della repubblica Fabio accetta di apparire in contrasto non solo con le leggi, ma anche con se medesimo: contrasto del quale non molti si avvedono, taluni si dolgono, ma che solo un animo forte, padrone di sé e del proprio pensiero e della propria opera, può spontaneamente accettare per un bene vitale.» (p. 121.)

(1) 11; 10.

*... a Ponte Sublicia quase teria dado passagem aos inimigos, se não fora um único homem, Horácio Cocles; nesse dia, a cidade de Roma teve-o por baluarte do seu destino. ... Avança... para a entrada da ponte e, sobressaindo entre os que fogem ao combate e de que [só] se vêem as costas, faj frente com as armas para dar luta corpo a corpo, maravilha de audácia que assombrou os inimigos.*

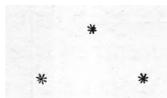
(2) i, vv. 80-81.

nesta conformidade, não se crer fortuita a parecença que nos citados lugares se descobre entre Camões e Petrarca: os Décios e Cúrcio lembrados em sequência; a alusão petrarquiana a Cocles formalmente tão semelhante à de Camões, que já Faria e Sousa a apresenta como fonte imediata ( 1)... Nada disso, entretanto, me parece invalidar a influência liviana. Ainda que os modelos directos não fossem as narrativas do historiador sobre as personagens referidas, nem por isso se veria razão, dado o eco imenso que elas tiveram, pela qual não pudessem ter avivado a matéria dos modelos, como fortes e aliciantes memórias. De resto, muitos são os casos em que um passo camoniano não parece derivar de uma só fonte antiga ou moderna, mas antes tem o ar de valer a síntese, a condensação de várias fontes por Camões conhecidas e simultaneamente admiradas.

Há, pois, lugares d *Os Lusíadas* que devem reflectir, mais ou menos, lugares do *Ab Vrbe condita*. E reforçam eles a natural suposição — licitamente formulável mesmo sem analogias textuais — de que o Poeta não podia deixar de ser leitor de Tito Lívio. Suposição natural, com efeito, porque, para o vate português se não desinteressar do autor latino, lendo-o e meditando-o, bastava que este houvesse sido entre os Romanos, como foi, o mais retintamente épico de todos os historiadores. Lembre-se que a narrativa liviana é particularmente épica quando apresenta, tal um poema, os deuses e os seus prodígios a pairarem sobre os destinos de Roma ; quando pinta os guerreiros, nacionais ou de fora, com a soberba effigie e o majestoso porte de heróis lendários; quando narra cenas de aparatosa grandiosidade, espectaculares e solenes, como a apoteose de Rómulo ou a partida de Cipião para a África; enfim, quando renova com altissonante eloquência o processo ornamental dos discursos, tornado inerente à historiografia, mas intimamente ligado à tradição homérica (2).

(1) *Lusíadas... comentadas*, t. n, col. 335: coment, a x, 21.

(2) Continua actual aquella reflexão que Jules Girard fez sobre Heródoto e Tucídides e obviamente se applica a Tito Lívio^ como aos outros grandes historiadores romanos: «L' *Iliade* et l' *Odyssée* sont pleines de



Não seria difícil levar mais longe o comentário da influência de Tito Lívio em Camões. Mas o paralelo entre os dois autores pode ultrapassar a simples questão das analogias ou afinidades de textos e estender-se a identidades de outra ordem. E que estes admiráveis artistas, distanciados um do outro por mais de mil e quinhentos anos, cultores de géneros fundamentalmente dispare, embora com pontos de contacto, e talhados pelo destino para vidas tão diversas, se bem que igualmente nobres, aparecem equiparados — e vale a pena salientá-lo quando um deles recebe homenagens universais — por feições salientes das respectivas índoles e por certas concepções ou aspirações.

Tito Lívio e o nosso épico parecem-se, antes do mais, pelo vivo sentimento de imparcialidade com que procuram julgar os homens. O ardor patriótico torna-os a ambos, é certo, orgulhosos das virtudes que se representam nos seus heróis nacionais (1); leva-os a vibrar do mais aceso entusiasmo quando louvam ou celebram a bravura, a audácia, a abnegação, a

discours: Nestor, Ulysse, Achille, Agamemnon parlent au moins autant qu' ils agissent. Ils parlent pour exprimer leurs passions ; ils parlent aussi pour raconter les souvenirs du passé et les merveilles du présent: la matière du poème est en grande partie dans leurs discours. Fille de l'épopée, l'histoire a suivi son exemple : Hérodote, comme Homère, a prodigué dans son ouvrage les discours et les conversations. Thucydide use à son tour de ce moyen de développement: Quand un fait lui paraît digne d'attention, il en fait le sujet d'une scène dont on entend les acteurs en même temps qu'on les voit... » (*Essai sur Thucydide*, p. 42.)

(1) Quanto ao historiador romano, ainda há pouco o latinista Prof. Fabio Gupaiuolo dissertava sobre *L' esaltapone delle virtù patrie nella storia di Livio* (Nápoles, 1942), escrevendo com propriedade: «Livio [...] deve innanzi tutto essere considerato come il glorificatore della romanità, di una romanità intesa, nel tempo stesso, in un senso, così largo e così stretto insieme, che ci si meraviglia! Il lettore può, talvolta, rimanere deluso, forse, dinanzi all' apparente scarsa partecipazione che lo storico dimostra nella descrizione, per esempio, di una battaglia o di un assedio o di un qualsiasi fatto d'arme. Ma lo stesso lettore non potrà trattenere la propria commozione leggendo di grandi eroi

generosidade, a lealdade; mas o intento laudatorio das suas obras não os distrai da justiça. Quanto a Tito Lívio, os historiadores da literatura latina frisam que muitas vezes pôs a claro os defeitos romanos; que apontou, se não mesmo censurou, a dureza, a crueldade, a presunção de certos políticos e generais ; e que, embora empolgado pelas altas figuras de Roma, soube render a inimigos de vulto, como Aníbal, a homenagem devida à sua grandeza. Quanto a Camões, é bem sabido, por exemplo, que ele foi o poeta a quem o muito amor da Pátria não abafou aquele grito de indignação:

... *também dos Portugueses*  
*Alguns tredores houve algúas veles.* (1);

e o poeta, ainda, que não hesitou em fazer censuras aos grandes heróis, como a que dirigiu a Afonso Henriques pelo duro tratamento infligido à mãe,

... *vencido de ira o entendimento,*  
*A mãe em ferros ásperos atava ;*  
*Mas de Deus foi vingada em tempo breve,*  
*Tanta veneração aos pais se deve!* (2),

ou a que lhe mereceu Afonso de Albuquerque, o dos grandes feitos no Oriente, o *Albuquerque terrível*, por haver mandado enforcar Rui Dias, em virtude de amores com uma escrava :

... *em tempo que fomes e asperezas,*  
*Doenças, frechas e trovões ardentes,*

della storia di Roma: è che questi esempi hanno la forza di far rivivere in lui l'ammirazione, l'entusiasmo, l'orgoglio, la commozione, in una parola, che era sentita dall'animo dello scrittore.» (p. 13.) E na sequência do mesmo pensamento assim rematava: «non v' è stato forse nessun altro mai, neppure Orazio dei *Carmen Saeculare*, che abbia sentito l'orgoglio dei *civis Romanus sum* come io ha sentito Livio, con tanta sincerità, con tanta nobiltà, con tanta fierezza.» (p. 17.)

(1) iv, 33, 7-8.

(2) m, 33, 5-8.

*A salvação e o lugar fa<sup>em</sup> cruzeiras  
 Nos soldados a tudo obedientes,  
 Parece de selváticas brutezas,  
 De peitos inumanos e insolentes,  
 Dar extremo suplicio pela culpa  
 Que a fraca humanidade e Amor desculpa. (1)*

Parecidos por tal sentimento de justiça, não o são menos os nossos dois autores pela índole independente e desassombrada. Caracteriza-os aquilo a que hoje chamamos inconformismo e de que deriva para ambos, entre outras manifestações de ânimo livre e digno, a falta de propensão para a lisonja.

Viveu o historiador na intimidade de Augusto. Pois, apesar disso, nunca o adulou nem, por adulação, lhe escondeu convicções. Ao referir-se-lhe por escrito, fê-lo em termos comedidos, sem o que quer que fosse de servilismo ou bajulação. E o seu apego ao regime antigo, esse republicanismo que o não deixava calar censuras a Júlio Ce'sar e elogios aos assassinos deste, Cássio e Bruto, foi tão sabido e notório, que o próprio imperador lhe chamava *Pompeiano* (2)... Por seu turno, Camões detestou quanto pôde a louvaminha servil, e já houve quem o considerasse «o menos lisonjeiro, para homens, de todos os autores» (3). Se tece o louvor de D. Sebastião, na dedicatória d'*Os Lusíadas*, a verdade é que o alia ao louvor da Pátria e que o projecta, afinal, sobre o futuro. O que louva

, (1) X, 46.

(2) Tácito, *Anais*, iv, 34: « *Titus Liuius, eloquentiae ac fidei praecia-?us in primis, Cn. Pompeium tantis laudibus tulit, ut Pompeianum eum Augustus appellaret. ...* » Palavras proferidas por Cremúcio Gordo, historiador do tempo de Augusto, ao defender-se no tribunal da acusação de lesa-majestade.

(3) Afonso Lopes Vieira, *O Carácter de Camões*, p. 11 (ou p. 200 de *Nova Demanda do Graal*, onde esse estudo se reproduz). É igualmente de Lopes Vieira, no mesmo estudo, p. 24 (ou p. 218 de *Nova Demanda*), esta exclamação-síntese «0 orgulho de Camões — que obra prima!», ainda agora recordada por Hernâni Cidade, ao escrever também sobre a independência de carácter do Poeta, no cap. v de *Luis de Camões: II — O Épico*.

não é a simples majestade de um rei menino, mas a esperança que ele representa,

... *certíssima esperança*  
*De aumento da pequena cristandade...* (i);

não é propriamente a criança de então, mas o homem de algum dia,

... *que esperamos jugo e vitupério*  
*Do torpe Ismaelita cavaleiro,*  
*Do Turco oriental e do Gentio,*  
*Que inda bebe o licor do santo rio...* (2),

e que, quando tomar as rédeas do governo, poderá dar

... *matéria a nunca ouvido canto.* (3)

Demais, não corria o risco de parecer lisonjeiro quem ao mesmo rei se dirigia com o conhecido desassombro do final do Poema.

E não se diga, relativamente ao inconformismo de Camões, que a *Lírica* desmente *Os Lusíadas*. Onde há um trecho lírico em que o nosso Poeta, elogioso embora, o seja com inteira perda de independência? Faz um dia versos ao conde de Redondo, vice-rei da Índia; não os faz, porém, com tão humilde postura, que ponha de lado o seu orgulho de artista:

*Assim vos irei louvando,*  
*Vós a mim do chão erguendo,*  
*Ambos o mundo espantando :*  
*Vós, com a espada cortando;*  
*Eu, com a pena escrevendo.* (4)

(O 6, 3-4.

(2) i, 8, 5-8.

(3) 1,15,4.

(4) *Lírica de Camões*, ed. de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes

Vieira, p. 95.

Dirige encómios a outro vice-rei, D. Constantino de Bragança; mas sempre lhe vai notando que não é adulador, e nem por louvá-lo lhe esconde ou dissimula a malquerença popular:

*Não vos temais, Senhor, do povo ignaro,  
Tão ingrato a quem tanto fa\ por ele;  
Mas sabei que é sinal de serdes claro  
O ser agora tão malquisto dele. (1)*

Que se julgue porventura excessiva a ode a D. Manuel de Portugal. A verdade é que a ênfase laudatoria tem aí uma desculpa : nada mais, nada menos do que a dignidade da arte poética, que o autor exulta de ver favorecida pelo magnânimo fidalgo, novo Mecenas :

*Imitando os espiritos já passados,  
Gentis, altos, reais,  
Honra benigna dais  
A meu tão baixo quão peloso engenho.  
Por Mecenas a vós celebro e tenho;  
E sacro o nome vosso  
Farei, se alguma cousa em verso posso. (2) ;*

a dignidade dessa arte cuja glória faz Camões legitimamente ufano do seu estro e cujo poder glorificador ele chega a encarecer em versos da Epopeia, como se porventura se detivesse para dizer: «Heróis, não o serieis completamente sem o favor da Poesia.» (3)

(1) *Lírica*, ed. cit., p. 292. V. o já referido estudo de Lopes Vieira, *O Carácter de Camões*, p. 24 (ou p. 219 de *Nova Demanda do Graal*).

(2) *Lírica*, ed. cit., p. 270.

(3) É o que especialmente inculcam ou insinuam as estâncias finais do canto v, entre as quais se lembrará a penúltima:

*Às Musas agradeça o nosso Gama  
O muito amor da Pátria, que as obriga  
A dar aos seus na lira nome e fama  
De toda a ilustre e bélica fadiga ;*

Mas, voltando ao paralelo de Camões com Tito Lívio, direi que os dois autores se assemelham ainda pela sua concepção profundamente moral da Pátria. Por tal forma a idealizaram como um conjunto ou harmonia de perfeições, que magoadamente contemplam o espectáculo de decadência das respectivas épocas, tão diferentes de séculos ainda não distantes em que floriavam virtudes primitivas. E de Tito Lívio, logo no início do *Ab Vrbe condita*, o quadro de uma sociedade posta sob o domínio da cobiça — *auavitia* — e que o amor aos prazeres, de mistura com a paixão do luxo, mais degrada e avilta:

*.. . ant me amor negotii suscepti fallit, aut nulla unquam res publica nec maior nec sanctor nec bonis exemplis ditior fuit, nec in quam duitatem tam serae auaritia luxuriaque immigrauerint, nec ubi tantus ac tam diu paupertati ac parsimoniae honos fuerit. Adeo quanto rerum minus, tanto minus cupiditatis erat : nuper diuitiae auaritiam et abundantes uoluptates desiderium per luxum atque libidinem pereundi perdendique omnia inuexere. (1)*

Semelhantemente, é de Camões, no epílogo da Epopeia, o debuxo rápido, mas expressivo, de um povo cujo nobre e ale-

*Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,  
Calíope não tem por tão amiga,  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
/15 telas de ouro fino e que o cantassem.*

(1) Pref., 11-12.

*... ou me engana o amor do meu empreendimento, ou nunca houve república maior, mais virtuosa, mais rica de bons exemplos, e em cuja sociedade tão tardiamente penetrassem a cobiça e o luxo, e onde a mediania e a sobriedade fossem honra tão grande e tão duradoura. Quanto menos riqueza liavia, tanto menor era a ambição. [50] recentemente é que a opulência gerou a cobiça e que os prazeres em excesso trouxeram o desejo de {cada qual} se perder e perder tudo por meio do luxo e da lascívia.*

yantado ânimo de outrora ou se dá todo à ambição das riquezas, como a que Lívio designa por *avaritia*, ou mergulha no abatimento :

*O favor com que mais se acende o engenlio  
 Não no dá a Pátria, não, que está metida  
 No gosto da cobiça e na rudeza  
 De ùa austera, apagada e vil tristeza. (1)*

De algum modo se poderia dizer, por esta identidade, que *Os Lusíadas* acabam como o *Ab Vrbe condita* principia. E sente-se que o cantor de Portugal, exprimindo, como o cantor em prosa da *urbium mater*, a dolorida pena motivada pelos vícios reinantes, também, como ele, se refugiaria na lembrança das antigas glórias, para se distrair ou consolar dos males contemporâneos :

*... ego ... hoc. ... laboris praemium petam, ut me  
 a conspectu malorum quae nostra tot per annos  
 uidit aetas, tantisper certe dum prisca illa tota  
 mente repeto, auertam... (2)*

Finalmente, vejo que os dois autores se equiparam pela concepção heróica da Pátria, não menos que pela concepção moral. Para um e para outro, com efeito, a Pátria é grande alma que se criou e se sustenta de energias épicas; e cada um deles, designando por forte, belicosa, ousada, a gente que celebra, está convencido de exaltar uma nação extraordinária, incomparável, dotada como nenhuma outra do sentido heróico da vida. O historiador, preso a esta convicção desde as pri-

(1) X; 145, 5-8.

(2) Pref.j 5.

*... por 11rim. . uma. . . vantagem hei-de colher do meu trabalho : a de me afastar, ao menos enquanto o meu espírito se der todo a evocar essas antiguidades, do espectáculo dos males que a nossa época presenciou por tantos anos...*

meiras páginas da sua obra, viu nos Romanos, por assim dizer, o povo-rei :

*... innabit ... rerum gestarum memoriae principis  
terrarum populi pro uirili parte et ipsum consu-  
luisse ; et si in tanta scriptorum turba mea fama  
in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum me  
qui nomini officient meo consoler. (1)*

Povo-rei, de modo idêntico, eram para Camões os Portugueses, essa

*... gente ousada, mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas (2),*

segundo as palavras do Adamastor, ou, como Júpiter disse aos outros deuses na assembleia olímpica, a raça fadada para fazer esquecer todas as raças eleitas :

*Eternos moradores do luzente,  
Estelífero pólo e claro assento,  
Se do grande valor da forte gente  
De Luso não perdeis o pensamento,  
Deveis de ter sabido claramente  
Como é dos fados grandes certo intento  
Que por ela se esqueçam os humanos  
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos. (3)*

Coimbra, Julho de 1942  
e Janeiro de 1951.

REBELO GONÇALVES.

(1) Pref., 3.

*... terei a satisfação... de também eu haver concorrido, quanto  
pude, para lembrar as façanhas do primeiro povo do universo;  
e, se em tamanha multidão de autores o meu renome ficasse na  
sombra, consolar-me-ia com a notoriedade e a grandeza de  
quantos ofuscassem o meu nome.*

1

(2) V. 41, 1-2.

(3) i, 24.